

**SISTEMA DE IDENTIFICAÇÃO DE EQUÍDEOS DO PÓLO REGIONAL ALTA MOGIANA –
COLINA/SP**

José Victor de Oliveira

Med. Vet., Ms., PqC do Polo Regional Alta Mogiana/APTA

jvictor@apta.sp.gov.br

Tasciane Limieri

Estagiária, Escola Técnica Agropecuária São Francisco de Assis-Colina/SP

Marcia Olimpia Nogueira Ikuma

Oficial de APCT do Polo Regional Alta Mogiana/APTA

João Francisco dos Santos

Técnico de APCT do Polo Regional Alta Mogiana/APTA

Edson Tomaz Ferreira

Oficial de APCT do Polo Regional Alta Mogiana/APTA

Anita Schimidek

Zoot., Dr., PqC do Polo Regional Alta Mogiana/APTA

Fernando Bergantini Miguel

Adm., Ms., PqC do Polo Regional Alta Mogiana/APTA

A correta identificação de animais é um dos principais preceitos da criação zootécnica, pois ela serve à coleta de dados dos animais e posterior avaliação de seu próprio desempenho bem como de seus descendentes.

Há diversas formas de marcações a que os animais estão sujeitos. Em equídeos os tipos de identificações são variadas e algumas são empregadas isolada ou mesmo em conjunto. São

usadas por associações, corporações militares e proprietários particulares. Sendo as mais comumente encontradas: as identificações por tatuagem (lábios – figura 1), a ferro incandescente (corpo animal e/ou casco – figura 2), a frio (nitrogênio) e mais recentemente o implante do microchip (chipagem - figura 3).

O emprego da marcação a ferro quente, segundo Lindegaard e Andersen (2012), ocorre a milhares de anos, como proposta original de apenas identificar o proprietário, porém, atualmente, serve como “marca” de associações ou para reconhecimento individual de animais.

Motivada pelas entidades do bem estar animal, a Europa determinou em sua legislação que os animais tenham, individualmente, somente uma única identificação (Lindegaard e Andersen, 2012).

O emprego de marca a fogo é motivo de controvérsias. Lindegaard et al. (2009), verificaram que após o uso do ferro incandescente, o local da marca, apresentava necrose que resultava em insensibilidade por uma semana. Este estudo também verificou maior reação a dor, dos equinos marcados a fogo, quando comparados aos chipados. Erber et al. (2012) apesar de corroborar a maior parte dos resultados encontrados por Lindegaard et al. (2009), não detectaram diferença significativa na aversão dos animais entre a marcação a fogo e o emprego do microchip.

Lindegaard e Andersen (2012) afirmaram que alguns países da Europa asseguram, embora sem amparo científico, que o uso da marca com ferro candente é livre de dor, além de ser um tipo superior de identificação de cavalos.

Os defensores da marca a fogo apresentam como vantagem o fato de que possui fácil leitura, ser permanente, dispensando o uso de leitoras eletrônicas necessárias para a lerem o microchip (fato que encarece este processo de identificação).

É fato que algumas destas marcações, a fogo, não ficam tão precisas. Elas são decorrentes de lesões na pele, oriundas de seqüelas causadas por infecção e/ou infestação parasitária, exigindo tempo maior em cuidados e gasto em medicamentos para serem resolvidas, acarretando deformidades e tornando-as ilegíveis. Corroborando este dado Meyer (1997) verificou que 30% a 50% dos números marcados, em equinos de determinada associação, eram impossíveis de serem lidos, o que contrastava com a alta taxa de leitura dos animais microchipados.

Diferentemente do ferro quente que é usado para fazer uma cicatriz, a marca a frio, também conhecida como marca criogênica, tem como objetivo em seu processo, tornar despigmentado os pelos onde se aplica o ferro. A explicação para este fato é que ocorre a destruição dos pigmentos no pelo, acarretando posteriormente, o crescimento de pelos brancos tornando-os legíveis.

A marca a frio tornou-se popular, pois é um processo seguro, econômico e fácil de fazer. Associado a estas características podemos também acrescentar que ela é permanente e pode ser vista a distância. Informações pessoais apontam outro benefício: os animais assim marcados são menos visados pelos ladrões de animais, pois são mais fáceis de serem identificados e rastreados.

A marcação a frio pode ser considerada uma forma relativamente indolor e muito eficaz de identificação permanente de animais em um rebanho. Lay et al (1992), avaliaram que a marca a frio causou menos desconforto ao bovino que a marca com ferro candente.

O Polo Regional da Alta Mogiana-Colina/SP tem empregado a marca a frio (nitrogênio), há vários anos nos eqüídeos (equinos e asininos). O uso desta metodologia tem sido vantajosa, pois associa as características de ser econômica e segura, proporcionando boa visibilidade à distância aos animais identificados.

Forma de uso:

Idade: Pode ser usado em animais a partir da desmama (6 a 7 meses) e até em animais adultos.

Procedimentos:

- 1) No mesmo dia ou no máximo no dia anterior, fazer a tricotomia (raspagem do pelo) com aparelho de gilete, tendo o cuidado de não ferir o animal - se o pelo estiver muito grande usar inicialmente a máquina tosquiadeira.
- 2) Colocar as marcas a serem usadas em recipiente contendo nitrogênio líquido em volume suficiente para que estas estejam cobertas, e somente usá-las quando a temperatura da marca e do nitrogênio estiver estabilizada (parar de borbulhar)

- 3) Instantes antes da marcação, aspergir álcool através de uma pisseta ou passar uma gaze embebida nesta solução, para remover a oleosidade da pele, além de auxiliar na troca de calor entre a pele e a marca.
- 4) Conter adequadamente o animal a ser marcado, pressionar a marca suficientemente assegurando um contato mais uniforme possível, entre marca e pele, por tempo necessário. Tem que se ter atenção aos possíveis movimentos de desconforto do animal, procurando manter a pressão firme à marca para que não ocorram problemas (borrão e marca pouco legível – figura 4).

Seguindo estes procedimentos, normalmente não ocorrerão inconvenientes, sendo desnecessário qualquer tipo de curativo e suporte ao animal. Em prazo de 6 a 8 semanas novos pelos brancos substituirão àqueles existentes, fazendo com que a identificação fique legível (fotos 5 a 7).

O material de que são feitas os ferros para marcação são compostos de ligas de ferro, aço inox, latão ou cobre. Porém os mais eficientes, para este fim, são os constituídos de cobre. Ressalte-se que as marcas devem ser compatíveis com o porte do animal assim, para animais na desmama, elas deverão ter em altura cerca de 6,0 cm, já para animais adultos (> 3 anos) poderão ter entre 9 e 10 cm.

No Polo Regional Alta Mogiana-Colina/SP, a liga usada é de ferro, e o tempo necessário de contato da marca com a pele é de cerca de 40 segundos.



Figura 1 – Tatuagem no lábio de equino.



Figura 2 – Marcação a fogo no casco.



Figura 3 – Microchip embalado, ao lado vê-se a leitura do chip no animal.



Figura 4 – Marcação a nitrogênio com falha.

SEQUÊNCIA DE PROCEDIMENTOS PARA IDENTIFICAÇÃO ATRAVÉS DA MARCAÇÃO CRIOGÊNICA (NITROGÊNIO) – Figuras 5 a 7.



Figura 5- Tricotomia da região onde será aplicada a marca.



Figura 6- Aplicação da marca fria e ao lado o aparecimento inicial da marca "fantasma", após alguns minutos.



Figura 7- Identificação permanente legível após 8 semanas.



Figura 8- Animal XILOL, da raça Bretão, pertencente ao Polo Regional Alta Mogiana – Colina/SP, identificado com número e a marca IZ (APTA/SAA)

Referências

- AURICH, J.E.; WOHLSEIN, P; WULF, M.; NEES, M.; BAUMGÄRTNER, W.; BECKER-BIRCK, M.; AURICH, C.. Readability of branding symbols in horses and histomorphological alterations at the branding site. **The Veterinary Journal (Article in press)**, 2012.
- ERBER, R.; WULF, M.; BECKER-BIRCK, M.; KAPS, S.; AURICH, J.E.; MÖSTL, E.; AURICH, C.. Physiological and behavioural responses of young horses to hot iron branding and microchip implantation. **The Veterinary Journal** 191, 171–175, 2012.
- LAY, D. C. JR.; FRIEND, T. H.; RANDELT, R. D.; BOWERS, C. L.; GRISSOM, K. K.; JENKINS, O. C.. Behavioral and Physiological Effects of Freeze or Hot-Iron Branding on Crossbred Cattle. **J Anim Sci**, 70:330-336, 1992.

LINDEGAARD, C.; VAABENGAARD, D.; CHRISTOPHERSEN, M.; EKSTROM, C.; FJELDBORG, J.; Evaluation of pain and inflammation associated with hot iron branding and microchip transponder injection in horses. **American Journal of Veterinary Research** 70, 840–847, 2009.

LINDEGAARD, C.; ANDERSEN, P. H. The branding iron: A museum exhibit. **The Veterinary Journal** 191, 143–144, 2012.

MEYER, H.. Schmerz, Heissbrand und Transponder. FN verlag: **Deutsche Reiterliche Vereinigung**. ISBN 978-3-88542-291-4. 1997.